

**Formação**  
**Permanente**  
**2021**



**"Caminhar humildemente  
com teu Deus" (Mq 6,8).  
Salvos através de um encontro**



“CAMINHAR HUMILDEMENTE COM TEU DEUS” (MQ 6,8)  
SALVOS ATRAVÉS DE UM ENCONTRO

UMA CHAVE DE COMPREENSÃO

O ser humano é fundamentalmente encontro. A essência humana configura-se por sua abertura aos outros e ao Outro. Como se se tratasse de um pano, nossa existência vai se construindo como uma combinação de vários fios. Estes se tecem e se entrelaçam graças à destreza do artesão, formando um desenho único e irrepetível. Assim, são muitas e diversas as pessoas que, direta ou indiretamente, cruzam em nossas histórias estabelecendo sua própria identidade.

A partir de uma visão religiosa, a providência divina é aquela a manusear essas fibras de modo amoroso e desconcertante. Somos quem somos como resultado de todos aqueles que fazem parte de nossa vida. A alteridade é um elemento tão essencial de nossa condição, que todos nós somos o fruto do encontro íntimo entre um homem e uma mulher. Do mesmo modo, a História da Salvação pode ser compreendida a partir desta mesma perspectiva.

O *caminho* é uma imagem recorrente e profundamente arraigada nas Escrituras para remeter à experiência salvífica de Israel, porém esta senda vem sempre acompanhada. A *Torah*, nosso Pentateuco, é o núcleo essencial da Bíblia Hebraica. Nas suas páginas se concentram o ensinamento e o sonho de YHWH para a humanidade através de um pequeno povo. As faces de Deus esboçadas nelas retratam-no como alguém empenhado em sair ao encontro do ser humano. Daí que, quando se pretende expressar o sonho

divino original, este se coloca como chave de relação. Esta compreensão relacional do plano divino para a humanidade se faz ainda mais evidente ao serem comparados os relatos bíblicos da criação com os mitos mesopotâmicos.

### 1. Um encontro sonhado...

O ser humano não é criado por um interesse pessoal, como as divindades do Antigo Oriente Próximo<sup>1</sup>. YHWH planta um jardim onde coloca Adão para *cultivá-lo e cuidá-lo* (Gn 2,15). A passagem bíblica não só reflete assim a gratuidade da ação criadora de Deus, mas também sugere a necessidade de uma relação harmoniosa com a natureza, que será o cenário e a expressão do vínculo entre o Criador e a humanidade. Desta chave, as secas e outros desastres naturais serão compreendidos como sintomas que evidenciam um dano na relação com a divindade. O autor bíblico desenha YHWH passeando pelo jardim na hora da brisa da tarde (cf. Gn 3,8). Trata-se de um momento do dia e um lugar privilegiado para o encontro e a relação.

O texto bíblico constata desde o início a essencial alteridade do ser humano, pois o mesmo Deus reconhece que “não é bom que o homem esteja só” (Gn 2,18). Enquanto Adão não for colocado diante da mulher, o narrador põe palavras em sua boca, mesmo afirmando que havia posto nome nos animais (cf. Gn 2,20). É então quando exclama:

Desta vez, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada mulher, ela foi tirada do homem (Gn 2,23)<sup>2</sup>.

Na mentalidade bíblica é essencial a capacidade humana para falar. De algum modo, é o que nos assemelha de um Deus demonstrado por sua capacidade de comunicação. Diante dos ídolos, que “têm olhos e não veem” (Sl 115,5; 135,16), YHWH é aquele que cria e recria a realidade através de suas palavras (cf. Gn 1). Assim, a criação do ser humano tem seu auge precisamente quando ele fala. Este breve versículo reflete uma intuição

---

<sup>1</sup> O relato babilônico, por exemplo, apresenta a criação do ser humano como uma resposta impulsionada pela revolta dos deuses menores que serviam aos maiores. A carga era tal que decidem criar seres mortais que levem adiante esta tarefa. Para aproximar-se do relato, J. Bottéro y S. N. Kramer, “Quando os deuses fizeram homens”. *Mitología mesopotámica*, Akal, Tres Cantos 2004, 544-554.

<sup>2</sup> A tradução castelhana não permite evidenciar o jogo de termos usados no hebraico, pois mulher e homem são palavras derivadas: *’iššāh* e *’iš*.

mais profunda do que poderia parecer, porquanto, além de exibir a complementariedade entre homens e mulheres, revela a intrínseca condição relacional do ser humano.

Só quando nos vemos refletidos nos olhos de outra pessoa conseguimos saber quem somos. É o encontro com os outros a devolver em nós uma identidade que nós mesmos conhecemos. Precisamos nos colocar diante dos outros para descobrir nossa verdade mais profunda. Igualmente como um bebê precisa de contato físico de quem está próximo dele para reconhecer onde começa e termina o corpo, também impetramos aos outros a devolução de nossa própria imagem, mostrando quais aspectos nos escapam de nosso olhar.

Esta necessidade apresenta também um risco, pois este reflexo a voltar a nós nunca é plenamente fiel à realidade. Somos espelhos enganosos uns para os outros, côncavos e convexos, mostrando uma imagem deformada por nossas próprias características. Nossa subjetividade, nossas feridas, nossos critérios e nossa forma de interpretar, quando acontece, se dobram no retrato que devolvemos ao outro. Precisamos que nos mostrem quem somos, porém, por sua vez, temos de adquirir a lucidez correta para discernir quanta impureza há na imagem devolvida a nós.

O sonho de Deus para a humanidade está marcado pela relação. Seu projeto salvífico leva o selo de um vínculo harmonioso com a criação, com o Criador e com os demais. Já o pecado rompe este projeto divino, podendo ser compreendido como a raiz de toda discórdia: querer ser quem não se é. A relação não dissipa a diferença de cada um, mas a integra como algo essencial que não pode ser usurpado. Quem cremos em um Deus Trindade, não deveria grasnar-nos que a máxima unidade não implique eliminação das diferenças, por mais que se nos despertem resistências ante tudo aquilo que percebemos como diferente e, com demasiada frequência, como uma ameaça.

## **2. ...E frustrado**

Esta resistência ao diferente fica patente no relato das origens. A criatura não pode ser o Criador, mas pretendê-lo é o gérmen de uma ruptura difícil de reparar (cf. Gn 3). Adão e Eva acusando-se um ao outro, Caim matando Abel, os cidadãos de Babel evocando uma divindade da qual carecem... Os

relatos bíblicos do Gênesis decorrentes desta ruptura primordial são a representação gráfica de como esta é a origem de uma sucessão de discórdias, desdobrando-se em um claro *in crescendo* até o início dos ciclos patriarcais (cf. Gn 3-11).

Não são insignificantes as primeiras reações de Adão e Eva depois da transgressão. Em primeiro lugar, reconhecem-se nus e procuram um modo de cobrirem-se (cf. Gn 3,7). Este dado remete a um versículo onde é dito:

Ambos, o homem e a sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam (Gn 2,25).

Esta anotação do texto bíblico é muito mais simbólica do que pode parecer. Um olhar superficial nos faria interpretar simplesmente fazendo referência à falta de pudor ou de vergonha ante alguém do sexo oposto. Mas estar nu diante de outra pessoa é algo muito mais profundo. Trata-se de nos apresentar em nossa maior fragilidade ante o outro, com a vulnerabilidade mostrando a carência de qualquer modo de proteção e nos fazendo esconder nossos limites.

Sabemos por experiência que as pessoas mais frágeis não sempre são aquelas que mais parecem. Vamos desenvolvendo armaduras, nos protegendo e escondendo aquilo no qual nos sentimos especialmente vulneráveis. As feridas só se mostram nas situações de grande confiança e diante daqueles que nos fazem sentir seguros e acolhidos em nossa debilidade. Com este versículo sugere-se que a relação sonhada por Deus aos seres humanos implica no acolhimento de uns pelos outros em nossa fragilidade essencial sem necessidade de nenhuma proteção.

A segunda reação depois de comer do fruto proibido é perceber YHWH como uma ameaça. Quando escutam-no passeando pelo jardim, o medo leva-os a se esconder de sua presença (cf. Gn 3,8). Se a ruptura primordial da relação passa por não aceitar a diferença entre Criador e criatura, a consequência mais imediata se reflete no modo como o diferente é percebido. As relações salvíficas se edificam a partir do mútuo reconhecimento, mas não da homogeneidade que vê o diferente como um ameaça ou um risco. Se este medo levou Adão e Eva a se esconderem perante os passos de Deus, a quais dinâmicas nos podem impulsionar o temor ante o desconhecido ou o diferente?

Retomando o dito até agora, o sonho divino é esboçado em uma chave relacional. Nos primeiros capítulos do Gênesis o projeto de YHWH é compreendido como uma relação de afeto e gratuidade, reconhecido na peculiaridade de cada uma das partes implicadas, sem dissipar nem temer suas necessárias diferenças que configuram a identidade de cada um. Além disso, trata-se de uma relação que gera espaços de confiança e um lugar privilegiado para mostrar nossa vulnerabilidade essencial. O outro não é percebido como uma ameaça, mas a partir da confiança cujas feridas não precisam ser protegidas diante dos outros.

### **3. Uma história de encontros e desencontros**

A incapacidade humana para aceitar sua condição criatural gera uma sucessão de rupturas trazendo inquietação ao projeto original. Diante disto, o relato bíblico sugere uma mudança de estratégia: a eleição de um pequeno povo que sirva de mediação para essa harmonia universal desejada por Deus. Israel, escolhido como mediação divina, se vê impelido a percorrer uma senda prenhe de um intenso valor simbólico. A viagem, iniciada com a libertação do Egito e culminada com entrada na terra prometida, transita numa relação entre uma comunidade e aquele que liberta, guia e acompanha. Assim, o êxodo se converte no paradigma de qualquer processo de fé, de modo que toda a história da salvação, universal e pessoal, pode ser percebida também como um caminho acompanhado e regado de encontros.

Um elemento tão relevante à teologia bíblica como a *Aliança* deve ser entendido precisamente a partir desta perspectiva relacional. Embora seja habitual relacionar a Aliança com determinados momentos pontuais da história da salvação, isto é uma redução. Algo similar acontece no âmbito antropológico. O casamento é uma situação relevante, onde se concretiza e formaliza o vínculo da união entre duas pessoas, mas seria muito pobre perceber a totalidade da relação entre duas pessoas, reduzindo-a a esse gesto, por mais que seja especialmente significativo e importante.

Igualmente, a Aliança entre YHWH e a humanidade através de um povo concreto não pode estar limitada a juramentos solenes com Noé, Abraão ou Moisés (cf. Gn 9, 8-11); 15, 18-20; Ex 19, 3-6). Sem pretender desprezar sua

importância, estas passagens retratam e expressam formalmente uma relação que vai além dessas ações concretas. O mesmo também acontece no Novo Testamento. O gesto de Jesus ao partilhar seu sangue como Aliança, derramado em favor de muitos (cf. Mc 14,24), condensa e concentra uma existência entregue por amor. Por isso, para compreender a densidade deste gesto, é preciso situá-lo no contexto do conjunto de sua vida.

A Aliança, enquanto relação, vértebra de toda a história da salvação. A partir desta perspectiva é preciso atender também ao conceito de justiça trabalhado nas Escrituras. Quando se fala de justiça, não se refere a dar a cada um de acordo com o merecimento ou de repartir de maneira equitativa. Trata-se, melhor, de outro termo relacional. Há justiça quando a relação estabelecida entre as pessoas está “ajustada” à condição e à verdade de cada uma das partes. A ruptura primitiva relatada no capítulo terceiro do Gênesis retrata, a partir destes parâmetros, um ato de injustiça, dado que a ação do ser humano não aceita nem sua condição de criatura nem o caráter criador de Deus.

Quando nosso comportamento, para com os outros, para com Deus ou para conosco mesmos, não respeita a peculiaridade das partes implicadas, este torna-se injusto. Se não tratamos o Senhor como Criador, os outros como irmãos e a nós mesmos como pessoas dignas, não estamos mantendo a relação ajustada à qual fomos chamados e a justiça se desfaz. As inúmeras denúncias dos profetas estão marcadas nesta percepção relacional. A pretensão de seus oráculos mais rigorosos não é outra coisa que restabelecer os vínculos rompidos e, portanto, também a justiça danificada por um agir inadequado.

Um olhar panorâmico da história da salvação nos permite compreender esta como uma sucessão de encontros e desencontros, de rupturas da Aliança e restabelecimento desta. Em meio desta repetida sequência de injustiças que abrem fraturas na relação com Deus, a constante disposição divina permanece como onda sonora para as deter e encurtar a distância com o ser humano. Contudo requer um reconhecimento por parte do povo da injustiça cometida, o perdão é sempre uma ação gratuita e desproporcional. Assim se certifica nesta passagem de Oséias:

Volta, Israel, para o Senhor, teu Deus, porque tropeçaste em tua culpa. Tomai convosco palavras e voltai ao Senhor. Dizei-lhe: “Tu tiras a culpa: aceita o que é bom, e retribuiremos o fruto de nossos lábios. A Assíria não nos salvará, não montaremos a cavalo, e não diremos mais ‘Nosso Deus’ à obra de nossas mãos, porque em ti o órfão encontra misericórdia”. “Curarei a sua apostasia, e os amarei generosamente, porque minha ira se afastou dele. Eu serei como orvalho para Israel, ele florescerá como o lírio estenderá raízes como o Líbano (Os 14, 2-6).

*Voltar* é a ação reclamada a Israel. O verbo *shûb* adquire o sentido de regressar, voltar, girar ou converter-se. O movimento de regresso supõe reduzir a distância que separa YHWH de seu povo e implica retratar-se da injustiça cometida. Isto fica refletido na sugestão de confissão proposta pelo profeta. O reconhecimento de que não haverá realidades usurpadoras do posto correspondente somente a Deus revela um dos motivos pelos quais a relação ficou danificada. Nada construído pelo ser humano pode ter a pretensão de substituir a divindade e só o Senhor é o Salvador, e não um império como a Assíria, por mais poderoso que este possa parecer.

Porém, por mais que a sincera confissão de Israel revele seu desejo de se aproximar e estagnar o vínculo de união com YHWH, o perdão é um presente oferecido por Deus gratuitamente e sem merecimento. Sua fidelidade e o empenho divino de ir ao encontro leva ao perdão e à restauração de uma relação justa. Tanto o encontro como o reencontro tornam-se salvíficos e dadores de vida, essa vida mesma degradada e perdida quando a injustiça não acompanha os vínculos capazes de unir aos outros, conosco mesmos e com Deus.

Deus insiste em se fazer o contraditório no caminho da vida. Fê-lo com Israel ao longo da história da salvação e o faz com cada um de nós, se formos capazes de lançar um olhar de fé à nossa existência. O auge deste empenho se deu na Encarnação. O Filho se aproxima, se abaixa e entra na história humana com a pretensão de caminhar ao nosso lado e nos aproximar desse sonho divino de harmonia entre nós, com a criação e com a Trindade. Como confirma cada parte dos evangelhos, a salvação e o encontro com Jesus Cristo são realidades que andam de mãos dadas.

Nem sempre temos a perspectiva suficiente de advertir que fomos encontrados por Deus. Conosco acontece o mesmo que a Moisés, que, quando desejava ver YHWH, apenas foi-lhe permitido ver suas costas (cf. Ex 33, 18-22). Descobrimos o Senhor “pelas costas”, como um “evento”,



quando o tempo e a situação vital nos oferecem a distância necessária para ter perspectiva e reconhecer o vivido como lugar de encontro com ele, por mais que não sejamos capazes de descobrir sua presença salvífica. Como aconteceu àqueles discípulos no caminho de Emaús, tampouco podemos reconhecê-lo quando vem ao nosso encontro, mas só depois de lembrarmos que nosso coração ardia ante Ele e suas palavras (cf. Lc 24, 13-32).

Se a história de salvação é, na realidade, uma história de encontros, podemos afirmar que os encontros salvam? Sempre ou requerem certas condições? Disto nos ocuparemos na próxima parte.

#### QUAIS ENCONTROS SALVAM?

Os encontros não são salvíficos *per se*. Para que estes sejam oportunidades de cura e de recriação requer certas condições. Precisamos de uma disposição interior capaz de acolher o potencial que tem o encontro pessoal, com os outros e com Deus. Para isso, as Escrituras podem nos oferecer chaves capazes de iluminar essa necessária atitude. Embora para elucidar vamos desenvolvendo-as de modo ordenado, estas se entrelaçam entre si de maneira que, como as cerejas, é mais difícil entendê-las separadas umas das outras.

### 1. Manter-se na expectativa

Pode parecer relevante, mas não há possibilidade alguma de encontro se este não é proporcionado. Se somos honestos conosco mesmos, teremos de reconhecer que nossas convicções e nossa existência nem sempre caminham de mãos dadas. Podemos ter a certeza da capacidade salvífica escondida em um encontro e, ainda assim, erguer muros e fugir delas. Estas resistências, frequentemente inconscientes, ostentam uma grande força com a qual nem sempre contamos. A ameaça de qualquer mudança produz em nós a vertigem e o medo gerado pelo que nos é novo se unem contra não nos deixando atingir por outros, inclusive por Deus.

Logo em seguida, apareceu na sinagoga deles um homem possuído com um espírito impuro. Ele gritou: "Que queres de nós, Jesus Nazareno? Vieste para nos arruinar? Eu sei quem tu és: o Santo de Deus!". Jesus, porém, o repreendeu: "Cala-te, e sai dele!" (Mc 1, 23-25).

Todos nós, com mais ou menos intensidade, abrigamos um "endemoninhado" em nosso interior que reage violentamente ante o risco de o Senhor, saindo ao nosso encontro, bagunce nossa história e desmantele nossos espaços de segurança ilusória. Por mais que seja doloroso escutar seus ofensivos questionamentos, Jesus só pode calar seus gritos quando

reconhecemos sua existência e lhe permitimos expressar o medo profundo escondido neles.

As relações, embora não dependam só de nós, requerem uma disposição facilitadora. É preciso sair ao encontro, o que nem sempre é uma ação tão dinâmica como poderia parecer. Às vezes requer tomar a iniciativa, sair do próprio âmbito de comodidade e nos aproximar do outro. Outras vezes supõe, melhor, acolher quem se aproxima. Esta última mostra a atitude de Abraão nesta passagem:

O Senhor apareceu a Abraão, junto aos carvalhos de Mambré, quando ele estava sendo à entrada da tenda, no maior calor do dia. Ao levantar os olhos, Abraão viu três homens parados diante dele. Assim que os viu, correu, da entrada da tenda, ao encontro deles. Prostrou-se por terra e disse: "Meu Senhor, se encontrei graça a teus olhos, não passes sem entrar na casa de teu servo" (Gn 18 1-3).

Esta passagem possui algumas incoerências textuais. Embora o narrador deixar claro desde o início tratar-se de YHWH quem se apresenta diante do patriarca, depois menciona três indivíduos e, mais adiante, Abraão se dirige a esses visitantes no singular. É provável que estas inconsistências provem uma evolução na interpretação da tradição subjacente, de modo a ser compreendida em uma chave teofânica. Assim o escrito será retomado sutilmente na *Carta aos Hebreus*:

Não vos esqueçais da hospitalidade; pois, graças a ela, alguns hospedaram anjos, sem o perceber (Hb 13,2).

A hospitalidade é uma virtude necessária entre as tribos nômades. Em lugares inóspitos, salvar a vida depende muitas vezes de ser acolhido pelos outros e entrar no círculo de proteção de uma caravana alheia<sup>3</sup>. No Antigo Oriente Próximo a sobrevivência poderia depender desse asilo oferecido pelos outros. A percepção da saída ao encontro da própria divindade sem que alguém saiba se encaixa muito bem neste contexto cultural do qual Israel participa. A hospitalidade, portanto, pode se transformar em teofania, como aconteceu com Abraão, sendo lembrada no Novo Testamento.

Quem vivemos em lugares quentes o mais sensato é sentar-se à porta de casa quando o dia vai caindo e o calor já não é tão forte. Ao contrário, o texto

---

<sup>3</sup> Ao que parece, o normal entre os povos nômades era armar as tendas em círculo, criando um espaço de proteção para quem viajavam juntos. A segunda parte do Salmo 23 recorre a este imaginário da hospitalidade. Cf. L. Alonso Schökel, *Trinta Salmos: poesia e oração*, Cristiandad, Madri 1981, 115-116.

bíblico descreve Abraão na frente de sua tenda justamente quando as temperaturas são mais altas. Que razão teria o patriarca para isso? Não é difícil que este gesto pretenda ilustrar sua disposição profunda para o encontro. Ele já saíra de sua terra, de seu espaço conhecido e de seu lugar de conforto, depois de escutar YHWH (cf. Gn 12). Sabia como os encontros são capazes de produzir reviravolta à sua vida. Por que não estar atento àqueles que possam surgir?

É fácil ficar distraídos da própria existência. Continuando com a imagem dada pela passagem bíblica, é fácil ficarmos no interior de nossa tenda, protegidos das intempéries e isolados de qualquer visita capaz de nos perturbar. Porém, suportar o calor do dia e abraçar as oportunidades de encontro oferecidas tem sua recompensa. Como bem sabemos, depois da acolhida no Mambré destes misteriosos visitantes, Sara e Abraão recebem a notícia do nascimento próximo de Isaac. Talvez não haja uma expressão mais clara que esta, a da vida gerada a partir dos encontros.

“A vida é o que acontece enquanto você está ocupado fazendo outros planos”. Esta frase de John Lennon concentra uma verdade essencial. Precisamos de certo estado de alerta ante a realidade para poder converter em encontros salvíficos as ocasiões que vão aparecendo. Abrir o coração aos outros e ao Outro requer disposição para acolher os possíveis encontros e estar atento para não deixar passar as ocasiões oferecidas para isso. Nós, como o patriarca, também podemos nos colocar à porta de nossa existência, atentos a tudo o que acontece ao redor, para não perder a oportunidade de nos deixar visitar por aqueles que se aproximam.

## **2. Acolhida a partir da fragilidade**

Dizemos no início que, segundo o texto do Gênesis, a ruptura do sonho divino tem como consequência a impermanência de Adão e Eva nus um junto do outro sem temor. Esta imagem confirma a estreita relação entre o desencontro e a necessidade de proteger-se. Segundo o relato bíblico, a necessidade de esconder nossa essencial vulnerabilidade ante os outros é fruto do pecado. Ao contrário, os encontros serão salvíficos se estes são produzidos a partir de e na fragilidade.

Vimos a este mundo em absoluta precariedade e nos convencemos de que crescer e amadurecer supõe ir fazendo-nos autossuficientes. O paradoxo consiste na autonomia pessoal ao se mostrar flexível com a sua interdependência à qual somos chamados a alcançar, levando-nos a estabelecer vínculos e a gerar redes. Quem não são conscientes de suas debilidades tampouco reconhecerão os possíveis atributos dos outros. Posto no campo da fé, poderíamos dizer que só acolherá a salvação quem for consciente de sua necessidade de ser salvo. Muitos relatos evangélicos ilustram esta verdade profunda.

As resistências despertadas por Jesus entre quem se consideram “judeus de bem” são proporcionais à proximidade estabelecida pelo Nazareno com aqueles que são malvistas nesse contexto social. Os textos se multiplicam, mas este serve como exemplo:

Depois, quando estava à mesa, na casa de Levi, muitos publicanos e pecadores sentaram-se à mesa com Jesus e seus discípulos. De fato, eram muitos os que o seguiam. Os escribas, que eram fariseus, vendo-o comer com os pecadores e os publicanos, diziam aos discípulos dele: “Por que ele come com os publicanos e os pecadores?”. Tendo ouvido isso, Jesus disse-lhes: “não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Não vim chamar justos, mas pecadores” (Mc 2, 15-17).

Nossas vivências familiares e comunitárias nos fazem experimentar em primeira pessoa como as refeições e as sobremesas vão além a mera ingestão de alimentos. Em torno da mesa criam-se vínculos e se estabelecem relações. Isto é muito evidente nos evangelhos, até o ponto de alguns afirmarem taxativamente que Jesus fora crucificado porque comia com qualquer um. Não respeitou as normas sociais nem os critérios impostos onde devia juntar-se somente com quem cumpriam certos parâmetros morais e religiosos, gerando um rechaço dos bem-pensantes do momento. O texto evidencia a dificuldade em aceitar este modo de agir de quem se consideravam superiores aos comensais do Nazareno.

A maior dificuldade em acolher a novidade do Reino e o próprio Jesus Cristo foi dos que se sentiam fortes em sua vivência de fé. Cumpridores das leis e preocupados com o religioso, não puderam compreender a atitude do Mestre. A satisfação inconfessável sentida ao cumprir com “a obrigação” pode se tornar uma barreira ao encontro sincero. Crer-se “são” incapacitou estas pessoas no acolhimento do Médico e dos que o seguiam. Isso também

pode acontecer conosco. Somos “gente boa”, ocupados e preocupados com o religioso, mas isso pode se transformar em uma diplomacia fazendo-nos esquecer a nossa fragilidade essencial. A sutil tentação de sentirmos fortes, capazes e basicamente coerentes, na realidade, disfarça nossa debilidade, nossa incapacidade e nossas pequenas ou grandes incoerências.

Crer-se merecedores do amor divino e perceber o próprio comportamento como uma garantia diante de Deus abrirá um abismo entre os fariseus e Jesus. Ao contrário, aquelas pessoas tomadas na medida de sua mediocridade e sua miséria são capazes de acolher a iniciativa do encontro trazido por Jesus Cristo. Daí os publicanos e as prostitutas terem uma facilidade maior para entrar no Reino antes dos judeus mais piedosos (cf. Mt 21,31).

Os encontros se produzem a partir da carência, mas, por sua vez, só serão verdadeiros se aprendemos a valorizá-los em si, além do oco pretensamente encoberto por estes. O ser humano é constante processo, mesmo neste permanente crescimento na arte de criar laços. Adquirimos destreza na hora de conjugar o verbo *amar* quando passamos do “te amo, porque preciso de você” ao “preciso de você, porque te amo”. Isso sim, somente conseguiremos ser aprovados com louvor neste exame final da existência quando acolhamos o dom de estarmos atrás, de situarmos num segundo plano com a finalidade de buscar o melhor também para aquelas pessoas pelas quais não somos aceitos nem queridos. Assim fez aquele que se colocou aos pés de todos e nos animou a amar como ele fez (cf. Jo 13, 2-15).

Já mostramos como a justiça na Bíblia é uma questão relacional. Assim diz também Jesus nesta parábola:

Dois homens subiram ao Templo para rezar: um era fariseu, o outro cobrador de impostos. O fariseu, de pé, rezava assim em seu íntimo: ‘Ó Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens, ladrões, desonestos, adúlteros, nem como este cobrador de impostos. Eu jejuo duas vezes por semana, e dou o dízimo de toda a minha renda’. O cobrador de impostos, porém, ficou à distância, e nem se atrevia a levantar os olhos para o céu; mas batia no peito, dizendo: ‘Meu Deus, tem piedade de mim que sou pecador!’ Eu vos digo: este último voltou para casa justificado, o outro não (Lc 18, 10-14a).

A incapacidade do fariseu em restabelecer a relação com Deus, isso significa “ser justificado”, é sua convicção escultural diante d’Ele. Incapaz de ver sua fragilidade, suas boas obras refletem a falsa segurança de poder

estar em pé diante do Senhor. A cegueira de não se reconhecer tão medíocre como qualquer outro o coloca acima dos demais e do merecimento ante Deus. Esta atitude lhe impossibilita de acolher o dom do encontro e, por isso mesmo, não volta justificado para sua casa. Não acontece o mesmo com o publicano, ao contrário, consciente de sua verdade essencial se abre a partir daí à relação com o Senhor.

Conservar ante os demais as armaduras ocultadoras de nossa vulnerabilidade é difícil e nos mantém sempre em pé de guerra, defendendo-nos de ataques imaginários a nossas zonas mais frágeis. Ao contrário, quando nos reconciliamos com nossa debilidade e nos atrevemos a baixar a guarda, podemos reconhecer nos demais, seres tão frágeis e vulneráveis como nós. Assim nós nos abrimos para experimentar um Deus definido como misericordioso (cf. Ex 34, 6-7), precisamente porque guarda em seu coração as misérias alheias. De fato, só quando topamos com nossa impotência mais radical fazemos a experiência do abraço imerecido, do encontro gratuito e de uma força divina evidenciada na debilidade (cf. 2Cor 12,9).

### **3. Capacidade de admiração**

Podemos nos descobrir afirmando que, com o passar dos anos, “o canino vai se curvando”. Esta expressão não só remete ao valor da experiência, mas também à ingenuidade perdida com o passar do tempo e, com frequência, a certo ceticismo capaz de se instalar em nós. Com a idade é possível termos a mesma atitude do sábio Coélet, e repetamos em nosso interior, como um mantra, “não há nada de novo debaixo do sol” (Ecl 1,9). Esta atitude pode ser problemática, especialmente quando nos incapacita para acolher a novidade que sempre leva ao encontro com Deus e com os outros.

À medida em que adquirimos práticas, estas nos permitem manipular com um pouco mais de facilidade a existência, mas também corremos o risco de converter nossas experiências em um ajustador rígido incapacitando-nos à admiração e a novidade. Isto acontecia com os compatriotas de Jesus. Os vizinhos de Nazaré que o conheciam desde menino e visitavam suas famílias, são os mais relutantes em aceitar o Mestre. Resistem em mudar a imagem feita por eles desse jovem saído da

aldeia e agora anunciador do Reino. Esta atitude impediu Jesus de fazer ali algum milagre (cf. Mc 6, 2-6).

Se todo profeta é mais rechaçado em sua terra significa, precisamente, porque aí é onde acreditam conhecê-lo melhor e onde é mais difícil abrir uma fenda à novidade e à admiração provocada por esta. Somos convidados, melhor, à atitude descrita por Mateus e com a qual o evangelista poderia estar descobrindo-se a si mesmo:

Assim pois, todo escriba que se torna discípulo do Reino dos Céus é como um pai de família, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas (Mt 13,52).

O Reino traz sempre uma novidade desconcertante que nos tira de nossos velhos pressupostos e de nossa antiga concepção da realidade. Ser sábio é ser capaz, como o escriba deste versículo, de discernir entre o antigo e o valioso, e o carecido de renovação impulsionado pelo Espírito. A tentação, ao contrário, é renunciar ao novo por causa da segurança colocada no conhecido, como sugere também o evangelho:

E ninguém, depois de beber o vinho velho quer o novo, pois diz: 'O velho é melhor' (Lc 5,39).

Este versículo relata uma experiência compartilhada por todos. Atrás de frases tão ouvidas em nossas comunidades, como "sempre se fez assim", palpita a dificuldade de abordarmos a mudança. Não há discernimento possível entre o que será deixado dentro ou fora do "baú" de nossa existência se não ousarmos provar e saborear a novidade a nós oferecida. A experiência vivida, como descreve o Deutero-Isaías, deve ser convertida em lançadeira para reconhecer a ação renovadora de Deus no hoje e não em resistência incapacitadora para tal:

Mas não vos lembreis das coisas antigas, nem considereis os feitos de outrora. Estou fazendo coisas novas, e já estão despontando: ainda não percebeis? Sim, abrirei um caminho no deserto, e rios na terra seca (Is 43, 18-19).

A lembrança da libertação experimentada no Egito se converte na possibilidade de reconhecer a ação salvífica realizada por YHWH ao tirar Israel da Babilônia. O novo se apoia no antigo, oferecendo o marco necessário para poder ser interpretado quando acontecer. Do mesmo modo, também nós podemos converter as experiências passadas, se não nos deixamos atar por elas, em possibilidade aberta às mudanças. Precisamos

recuperar a capacidade de admiração, especialmente na novidade gerada nos encontros.

Quando nos relacionamos com os outros e com Deus a partir do que já sabemos deles, das experiências passadas ou da ideia construída, facilmente terminamos por impedi-los de ser quem realmente são. Isto é especialmente complexo na relação com Deus, pois, se os outros podem se queixar e resistir com seus gestos ajustados às nossas expectativas, assim fica muito mais fácil domesticar o Senhor. Desta forma, nossa percepção d'Ele se ajusta à nossa ideologia e não destrói nossos esquemas ou preconceções. Do mesmo modo as resistências no encontro, das quais estamos falando, podem acabar tomando o controle.

A vivência de Elias pode nos iluminar, pois o profeta também teve de se deixar admirar. Abriu-se a um encontro com YHWH, e este lhe rompeu os esquemas, tanto na sua forma como no conteúdo. Aquele que se considerava “ardendo de zelo” pelo Senhor (cf. 1Rs 19, 10.14), tem de fazer uma peregrinação, mais interior que exterior, para se deixar encontrar com Ele (cf. 1Rs 19, 1-8). A teofania dada no Horeb, objetando aquela experimentada por Moisés no Sinai, mas completamente diferente. Os fenômenos meteorológicos que acompanharam a revelação no Êxodo (cf. Ex 19, 16-19) agora apenas evidenciam que Deus não pode ser encontrado neles, contudo, melhor, em uma brisa suave (cf. 1Rs 19, 11-12). Ao assombroso resultado desta forma de encontro se une uma mensagem que rompe as expectativas do profeta.

Em duas ocasiões Elias responde a YHWH afirmando o seguinte:

Estou ardendo de zelo pelo Senhor, Deus dos exércitos, porque os israelitas abandonaram tua aliança, demoliram teus altares, e mataram à espada os teus profetas. Só eu escapei, e agora querem tirar-me a vida (1Rs 19, 10.14).

O profeta se considera o último fiador da fé verdadeira e espera uma intervenção divina que ratifique esta convicção, protegendo-lhe da ameaça que recai sobre ele. Não só experimenta a presença de YHWH através de mediações novas, mas também recebe uma missão muito diferente da que esperava. Deus lhe pede tomar certas medidas políticas e buscar um substituto. O “zeloso” recebe do Senhor o arremate, algo que não deixa de



ser surpreendente para quem se julgava ser o único fiel. Deus também vai corrigir Elias desta convicção:

Deixarei em Israel um resto de mil homens: todos os joelhos que não dobraram diante de Baal, e toda boca que não o beijou (1Rs 19,18).

Sabemos o valor simbólico dos números nas Escrituras. Mencionar sete mil israelitas que haviam permanecido fiéis não é só modificar a convicção de Elias de ser o último garantidor, também implica afirmar a quantidade de pessoas que conservam a aliança, o vínculo com YHWH.

Para que um encontro seja salvífico, temos de impedir o conhecido de se converter em uma futilidade impedindo de nos assombrar ante a realidade e acolher a novidade gerada pelas relações. Porém, junto com admiração, desenha-se a tarefa de nos abrir à mudança.

#### **4. Abertos à mudança**

Se a admiração tem de ver com o reconhecimento daquilo que para nós é novo, de algum modo, não derivando naturalmente do quanto já experimentamos, isto costuma gerar em nós mudança. Digo “costuma”, porque requer uma disposição interna que não é tão simples na prática.

Resgatar o assombro já implica certa abertura à mudança. Libertar os outros de nossas etiquetas e preconceitos, positivos ou negativos, supõe já nossa abertura a suas palavras, gestos e reações transformando a ideia prévia que tínhamos deles. O mesmo acontece com a experiência de fé quando aquelas teorias possivelmente conhecidas sobre nosso Deus se convertem em intuições experienciais. Algo nos muda por dentro quando as ideias teológicas aprendidas começam a fazer eco em nossa vida, por mais que apenas alcancemos saborear algo de quem é Ele e quem quer ser para cada um. Se o ser humano é um mistério em si mesmo, quanto mais o Mistério divino! Ter a pretensão de ficarmos permanentemente em uma única imagem d’Ele ou dos demais é renunciar transitar no caminho pelo qual somos chamados a percorrer.

O ser humano é essencialmente processo. Jamais estaremos acabados completamente e, nesta constante evolução, as relações estabelecidas com os outros, incluindo Deus, podem ser os maiores motores de transformação. O paradoxo é que, mesmo estando sempre em construção, incomoda-nos

ter de abandonar o campo controlado por nós onde nos sentimos situados. Como bem expressa a sabedoria popular, acabamos nos convencendo de que é melhor “o mau conhecido ao bom por conhecer”. A incerteza gerada pelo ponto de partida e lugar de chegada questiona a totalidade da viagem. É semelhante ao acontecido aos israelitas no deserto:

Os israelitas disseram-lhes: “Quem dera tivéssemos morridos pela mão do Senhor, na terra do Egito, quando nos sentávamos junto às panelas de carne e comíamos pão com fartura! Vós nos fizestes sair a este deserto para matar de fome toda esta multidão” (Ex 16,3).

Por mais positivo que seja a passagem da escravidão à liberdade, toda mudança implica um nível de incerteza a desestabilizar e que, se se une às dificuldades supondo qualquer evolução, pode nos levar a idealizar o passado, esquecendo e apagando o negativo que o rodeava.

Como diz o refrão, “não se pode nadar e guardar a roupa”. O temor que nos move a abandonar nossas posses na margem pode impedir de nos lançar no mar; para isso fomos feitos. Se o Papa Francisco insiste uma e outra vez na necessidade de recuperar para a Igreja uma dinâmica de “saída” é porque este movimento é-nos muito difícil. Por mais que responda à nossa essência vocacional de cristãos e consagrados, vencer a inércia sempre implica uma energia extra e, neste caso, nasce da confiança. Só quando nos fiamos da promessa desse Deus empenhado em sair ao nosso encontro em nossa história, podemos superar as forças invisíveis que nos mantêm estáticos e nos impedem de nos mover.

Esta chave permite nos colocar na pele de tantos paráliticos que tiveram uma relação com Jesus. Proponho-vos nos fixar na cena apresentada pelo quarto evangelho:

Encontrava-se ali um homem enfermo havia trinta e oito anos. Jesus o vi ali deitado e, sabendo que estava assim desde muito tempo, perguntou-lhe: “Queres ficar curado?”. O enfermo respondeu: “Senhor, não tenho quem me leve à piscina, quando a água se movimenta. Quando estou chegando, outro desce antes de mim”. Jesus lhe disse: “Levanta-te, pega tua maca e anda”. No mesmo instante, o homem ficou curado, pegou sua maca e começou a andar (Jo 5, 5-9).

Qualquer um de nós pensaria que o parálitico responderia de modo firme, seguro e rápido à pergunta de Jesus, mas não é assim. A resposta sobre seu desejo de cura é evasiva e pouco óbvia. Não fica claro se de verdade quer mudar sua situação e parece se justificar com a falta de uma ajuda que não tem. É muito provável que, depois de tantos anos prostrado,

uma parte dele resiste em sair dessa situação por mais indigna que seja. Contudo, sua vaga resposta se transforma na abertura necessária para que o Senhor se encontre com ele e sua situação mude. Trata-se de uma tímida abertura à mudança permitindo um encontro salvífico. A relação com Deus, se é encontro verdadeiro, deixa alçar-nos, acusar nossas feridas e prosseguir erguidos, tal como fez este enfermo.

Pode ser uma boa ocasião para olhar nossa existência a partir desta passagem joanina e descobrir através dela ante quais piscinas estamos paralisados e que parte de nós permanece reticente a alguma mudança. Quem sabe também nós nos reconheçamos evasivos na hora de responder a uma pergunta tão direta como a do Mestre: “Queres ficar curado?”. Não importa se titubeamos. Basta essa escassa confiança que nos permita uma abertura transformadora a Ele transformando nossas paralisias em movimento e erguendo-nos da prostração.

Os aviões voam porque se movem. Com o ser humano acontece algo parecido e, por mais que desejemos a estabilidade, crescemos na medida em que o encontro com a realidade e com os outros nos faça mudar, mantendo esse necessário dinamismo de uma vida peregrina. O mesmo aconteceu com Jesus quando se encontrou com uma siro-fenícia. A convicção de que ele era enviado em primeiro lugar às “ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10,6) fica questionada por esta mulher, ao mostrar uma fé capaz de modificar a compreensão que tem de sua própria missão (cf. Mc 7, 24-30).

Os encontros que nos salvam vão nos transformando por dentro, por mais que a mudança nem sempre seja vista externamente nem é tão chamativa como a do paralítico. O ardor do coração que, como aos discípulos de Emaús, nos faz mudar de direção e retornar a Jerusalém, à comunidade e aos irmãos, não é algo tão evidente para quem nos olha. As transformações mais relevantes nem sempre são valorizadas à primeira vista.

## **5. No cotidiano**

Nunca esquecerei as expressões de admiração de algumas crianças do Ensino Médio enquanto alguns jovens lhes davam o testemunho de sua conversão na fé. Quanto mais radical era a mudança que experimentaram,

mais admiração lhes causava. Se o “cair do cavalo” os levaram de noites desenfreadas e excessos a uma existência serena e discreta, eles prestavam mais atenção. Estes alunos, penso eu, só tinham evidente os episódios que nos advém comumente. Atrai-nos o chamativo, o não habitual e, se lhe botamos alguma dose de mal-estar, temos o coquetel perfeito para gerar encanto. Acontece que, na maioria das vezes, a forma como Deus atua em nossa existência costuma ser muito mais discreta e habitual.

Nossa experiência costuma revelar a atuação divina em nossa história mais discreta do que gostaríamos. Ante às transformações mais escandalosas, o habitual é ele se fazer de contradição em nossa história, como fez com aqueles de Emaús, e faça nosso coração arder com suas palavras e seus gestos. Contudo, não somos tão diferentes daqueles jovens. Embora seja de forma diferente, também nos atrai o extraordinário e o chamativo. O brilhante e o reluzente costumam nos atrair mais que o que simplesmente ilumina, por mais que esta seja a finalidade de toda luz.

Ao contrário, se voltamos o olhar às Escrituras, Deus tende a sair ao encontro no dia a dia. Assim o revela simbolicamente o livro do Êxodo:

O Senhor ia à frente deles: de dia, numa coluna de nuvem, para lhes mostra o caminho; de noite, numa coluna de fogo, para os iluminar. Assim, podiam caminhar de dia e de noite. De dia, não se afastava do povo a coluna de nuvem, nem, de noite, a coluna de fogo (Ex 13, 21-22).

O peregrinar de Israel através do deserto tem um forte caráter simbólico. Toda nossa existência pode ser compreendida a partir de uma chave semelhante, pois peregrinamos em busca da liberdade, descobrindo quem somos e quem é o Deus que nos salva, em uma senda que nem sempre é simples e na qual a tentação nos ameaça. É nesta rota onde os encontros acontecem, com todo seu potencial salvífico. O Êxodo mostra a forma da constante presença divina através da nuvem e da coluna de fogo. Ela é uma companhia permanente a guiar e iluminar na escuridão. Porém, acaso não é o que está mais próximo de nós, o que é mais difícil de ver?

Podemos estar em constante comunicação com pessoas queridas vivendo distantes, sem nos dar conta da distância afetiva que nos separa daqueles com quem partilhamos o dia a dia. Do mesmo modo, crer que o Senhor nos acompanha no dia a dia, “todos os dias até o fim do mundo” (Mt 28,20), não implica *per se* que sejamos capazes de acolher essa presença

diária, silenciosa e nada chamativa. É mais simples deixar-nos encontrar pela realidade e pelos outros extraordinariamente, mas nosso verdadeiro *kairós* ou tempo oportuno é o comum.

A rotina é muito malvista entre nós. Temos o costume de falar dela de modo depreciativo e fazemos o propósito de sair dela. A rotina, sem embargo, não implica necessariamente essa carga negativa de inconsciência, de agir automático e da falta de paixão comumente atribuídos a ela. Nosso dia a dia está cheio de costumes, de ações, levados adiante cada dia inevitavelmente, e nem por isso deixa de ser um lugar propício para encontros salvíficos. Isso sim, requer um olhar especial diariamente. É o mesmo olhar de Jesus, capaz de resgatar pequenos gestos diários e dar a eles o seu profundo sentido.

A sensibilidade do Nazareno em se deixar encontrar pelos outros e pela realidade no dia a dia faz-se clara nos relatos evangélicos. Em um Templo cheio de gente indo e vindo, Ele é capaz de se fixar em uma viúva inominada que, numa oferta minúscula, se entrega toda na plena confiança ao Pai (cf. Mc 12, 41-44). Uma atividade tão cotidiana como o amassar o pão serve para reconhecer a capacidade de fermentar do pequeno e como é capaz de transformar a realidade, embora não seja visto (cf. 12,33).

Jesus com seu olhar observa pessoas concretas, mesmo quando essas se encontram perdidas na multidão, daí sua insistência em saber quem lhe tocou. Embora aos seus discípulos parecesse um esforço vão, quer se encontrar face a face com essa mulher estremeçada por ter tocado sua roupa (cf. 5,25-34). O dia a dia se converte na ocasião para bendizer ao Pai por seu empenho em mostrar o Reino aos pequeninos e humildes (cf. Lc 10, 21-22).

Jesus soube deixar-se encontrar pelos outros, pelo Pai e pela própria realidade em meio ao fragor do cotidiano, aí onde não há refletores nem afetos especiais. É no corriqueiro onde nós também somos chamados a nos deixar atingir por tudo o que acontece e por quem está ao nosso redor. O dia a dia é o luar dos encontros salvíficos, a maioria deles reservados e despercebidos, mas capazes de dar vida e nos pôr em movimento. Qual é o valor real que damos às nossas rotinas? Quais encontros cotidianos deixamos passar por mais próximos que estivessem? Voltemos o olhar aos

nossos costumes, despojemo-nos dos preconceitos, para descobrir neles um espaço privilegiado de relação.

## **6. Como aconteceu com Zaqueu**

Ao longo destas páginas fomos esmiuçando os elementos que, à luz das Escrituras, parecem acompanhar os encontros capazes de curar e de salvar. Trata-se, na realidade, daquilo que experimentou Zaqueu na própria carne:

Jesus tinha entrado em Jericó e estava atravessando a cidade. Havia ali um homem chamado Zaqueu, que era chefe dos cobradores de impostos e muito rico. Zaqueu procurava ver quem era Jesus, mas não conseguia, por causa da multidão, pois era muito baixo. Então ele correu à frente e subiu numa figueira para ver Jesus, que devia passar por ali. Quando Jesus chegou ao lugar, olhou para cima e disse: “Zaqueu, desce depressa! Hoje eu devo ficar na tua casa”. Ele desceu depressa, e recebeu Jesus com alegria. Ao ver isso, todos começaram a murmurar, dizendo: “Ele foi hospedar-se na casa de um pecador!” Zaqueu ficou de pé, e disse ao Senhor: “Senhor, eu dou a metade dos meus bens aos pobres, e se defraudei alguém, vou devolver quatro vezes mais”. Jesus lhe disse: “Hoje a salvação entrou nesta casa, porque também este homem é um filho de Abraão. Com efeito, o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido (Lc 19, 1-10).

Talvez fosse só curiosidade, mas ninguém pode negar que Zaqueu permanece atento, observando a passagem desse Nazareno causador de tanto alvoroço. Seu desejo de ver Jesus o faz perder a compostura e subir em um sicômoro à espera da passagem d’Ele pela cidade. O publicano não só era de uma classe baixa, mas também era baixo de estatura. É provável que o rechaço social que aparece no relato não procedesse só de outros, mas ele mesmo fosse muito consciente de sua miséria. Mas está aí, em cima de uma árvore esperando a passagem desse profeta do qual tanto falam.

Para Jesus não é novo estar atento ao que acontece ao redor, por mais que o espanto do publicano ficasse claro em seu rosto quando, levantando o olhar, desconcertou-lhe com um ousado autoconvite: “Hoje eu devo ficar na tua casa”. O desconcerto não só invadiria Zaqueu, mas também todas as testemunhas da insólita cena e conhecedores de que classe era esse homem pecador. As palavras do Mestre põem em movimento o publicano que, cheio de alegria, deixa esse desconhecido entrar até nas entranhas de sua história.

A casa vai além de um edifício onde habitamos, pois é nosso lugar mais pessoal e nosso espaço de intimidade. Permitir a entrada de Jesus entre aí é abraçar o encontro e deixar-se atingir. Quando isto acontece, é inevitável a transformação. Zaqueu expressa-a na decisão de retribuir o dano feito. O

“hoje” na boca do Nazareno, indicado antes no ficar em sua casa, ressoa de novo com força ao proclamar a salvação vinda à vida do publicano. O “hoje” habitual é o lugar onde o encontro foi capaz de vivificar e encher de salvação a existência, a de Zaqueu e as nossas.

#### SEGUIMENTO OU ‘CAMINHAR COM’ JESUS CRISTO?

Começávamos descrevendo que a história da salvação poderia ser compreendida, na realidade, como um caminho repleto de encontros. Desta mesma chave, o convite cristão pode ser formulado com o verbo de movimento diferente do que costumamos empregar. Assim o reclamava também Miquéias:

Ele te deu a conhecer, ó homem, o que é bom e o que o Senhor procura de ti: simplesmente praticar o direito, amar a bondade e caminhar humildemente com o teu Deus (Mq 6,8).

Talvez esse “seguir” Jesus Cristo possa ser entendido também como um chamado a “caminhar” com Ele nesta senda de encontros constantes, onde somos curados e lançados a partilhar a salvação recebida. Não esqueçamos que, num encontro, as duas partes são atingidas e vivificadas. Juntos, em comunidade, caminhemos humildemente com Jesus Cristo ao encontro de todos.

IANIRE ANGULO ORDORIKA, ESSE  
*Faculdade de Teologia de Granada*  
*Granada (Espanha)*



agostinianos  
recoletos

**Instituto de Espiritualidade e História**  
Cúria Geral